



Francisco José da Silva*

RESUMO

A Igreja Católica tem um papel fundamental na institucionalização da Filosofia no mundo Ocidental. Basta lembrar sua contribuição no período medieval na salvaguarda dos manuscritos antigos, no trabalho dos copistas, nas traduções e comentários das obras dos filósofos clássicos e na criação das Universidades, a partir das Escolas das Catedrais. Neste sentido, nossa pesquisa pretende apresentar em linhas gerais o papel dos Seminários católicos na inserção da Filosofia no Ceará entre os séculos XIX e XX. Em um primeiro momento apresenta um breve histórico da inserção da Filosofia em terras brasileiras por meio das congregações religiosas da Igreja Católica (período Colonial e Império), em seguida destaca os principais Seminários em terras cearenses, em especial o Seminário da Prainha (Fortaleza), e por fim, enfatiza sua importância na constituição de uma cultura filosófica em nosso Estado.

Palavras-chave: Filosofia. Seminário. Ceará.

The role of Catholic Seminaries in the introduction of philosophy in Ceará

ABSTRACT

The Catholic Church played a fundamental role in the institutionalization of Philosophy in the Western world. It is enough to recall its contribution in the medieval period in safeguarding ancient manuscripts, in the work of copyists, in the translations and commentaries of the works of classical philosophers, and in the creation of Universities, based on the Cathedral Schools. In this sense, our research intends to present in general terms the role of Catholic Seminaries in the insertion of Philosophy in Ceará between the 19th and 20th centuries. First, we present a brief history of the insertion of Philosophy in Brazilian lands through the religious congregations of the Catholic Church (Colonial and Imperial periods). Then, we highlight the main Seminaries in Ceará, especially the Prainha Seminary (Fortaleza), and finally, we emphasize its importance in the constitution of a philosophical culture in our State.

Keywords: Philosophy. Seminar. Ceará.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, 2020). Vice-coordenador da Licenciatura em Filosofia, Pesquisador e Professor Adjunto do curso de Filosofia do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte (IISCA) da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCA), coordenador de subprojeto Pibid Filosofia (2020). Tem experiência em gestão, tendo sido Coordenador do curso de Filosofia UFCA (2013-2014), Coordenador do Núcleo de Línguas e Culturas Estrangeiras (2014-2015) e da Coordenadoria de Diversidade Cultural da Procult (2015-2016). Membro do Conselho editorial da Revista Araripe de Filosofia (UFCA). Membro da Comissão de Ética da UFCA. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Alemã, atuando principalmente nos seguintes temas: Idealismo Alemão (Hegel), Dialética e Hermenêutica (Schleiermacher), Filosofia da Religião e Filosofia Intercultural (Raul Fernet-Betancourt). Também tem interesse no pensamento filosófico brasileiro (Farias Brito). Membro da Sociedade Hegel Brasileira (SHB), da Associação Latinoamericana de Filosofia Intercultural (ALAFI), do GT de Filosofia Oriental da ANPOF e do LEPO (Laboratório de Estudos e Pesquisas Orientais) da UECE. E-mail: franz.silva@ufca.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3132573542983746>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5342-2280>.

Introdução

A relação entre Igreja Católica e Filosofia é milenar, considerando que desde o período medieval¹, durante cerca de mil anos (séc. V a XV), a Filosofia se desenvolveu em instituições de pesquisa, produção de conhecimento e ensino da Igreja (Escolas, Conventos, Seminários, Universidades). Essa relação é tão intrínseca que diversos métodos, temáticas e categorias filosóficas tiveram sua origem no pensamento católico.

Como nos esclarece o *Decreto de Reforma dos Estudos Eclesiásticos de Filosofia* (2011) da Congregação para Educação Católica.

A Igreja sempre nutriu uma grande solicitude para com a filosofia. De fato, a razão — da qual a criação dota toda pessoa — é uma das duas asas com as quais o homem se eleva para a contemplação da verdade, e a sabedoria filosófica constitui o cume que a razão pode alcançar. Em um mundo rico de conhecimentos científicos e técnicos, mas ameaçado pelo relativismo, só “a perspectiva sapiencial” traz uma visão integradora e a confiança na capacidade que a razão tem de servir a verdade. Eis por que a Igreja encoraja vivamente a uma formação filosófica da razão aberta à fé, sem confusão nem separação (CARDOSO, 2012, p. 116).

No que diz respeito à inserção da filosofia e seu ensino no Brasil, e, especificamente no Ceará, devemos compreender como se dá seu processo de institucionalização, ou seja, como essa disciplina se constitui através de instituições religiosas católicas no período colonial e se consolida como eixo privilegiado tanto na formação religiosa e humanística, quanto científica nestas instituições até hoje.

Nos Seminários católicos, o ensino de Filosofia se deu como parte da formação dos seminaristas (futuros sacerdotes), juntamente com o estudo da Teologia, vinculado ao ensino das línguas clássicas e bíblicas (grego, hebraico e latim), cuja função principal era a preparação dos futuros religiosos e sacerdotes em vista de sua missão espiritual.

Em suas origens, as principais instituições educacionais do Ceará são de origem Católica, onde se desenvolveu a pesquisa, o ensino e a divulgação da Filosofia em nosso Estado. Destacamos os cursos ofertados pelos Colégios e Seminários espalhados pelas cidades cearenses, entre os quais podemos citar: de Viçosa (séc.

¹ Sobre a contribuição católica para a pesquisa e educação filosófica, ver WOODS JR (2008).

XVII), de Aquiraz (1727-1759), de Fortaleza (1864), de Crato (1875) e Sobral (1925). Neste artigo, além da apresentação deste histórico de institucionalização (períodos Colonial e Imperial), daremos ênfase ao Seminário da Prainha (Fortaleza), cuja criação na segunda metade do século XIX teve papel central na constituição da pesquisa e ensino de Filosofia no Ceará.

1 Os Jesuítas, a *Ratio Studiorum* e os primeiros Seminários no Ceará

No período Colonial, o ensino de Filosofia se constitui a partir das diversas congregações religiosas (franciscanos, dominicanos, beneditinos) e, em especial, com os jesuítas presentes em nosso território, com seus carismas e suas finalidades específicas, tais como: a catequização, a missão, o ensino e a pesquisa acadêmica. Destacamos a Companhia de Jesus, ordem religiosa católica fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556), que promovia uma formação filosófico-religiosa rigorosa, cujo papel na Contra Reforma católica foi central em meio ao crescimento do Protestantismo. A presença da Igreja Católica no Ceará está ligada, em seus primeiros anos, à chegada dos missionários jesuítas.

A história da Igreja no Ceará é recente, como assinala Eduardo Hoornaert (SOUZA, 1994, p. 46), e se dá pela inserção missionária pela Serra da Ibiapaba e pelo Apodi através dos aldeamentos e tem início em 1607, com a chegada dos primeiros missionários jesuítas, Padre Francisco Pinto e Padre Luís Figueira, que celebraram a primeira missa na foz do Rio Jaguaribe. Ainda neste ano temos a fundação do primeiro aldeamento missionário da Ibiapaba (Aldeia de São Lourenço)².

Como enfatiza ainda Hoornaert,

O catolicismo entrou no Ceará com os portugueses, que estavam por sua vez engajados num projeto maior chamado atualmente capitalismo, na sua fase agrícola (a cana de açúcar no litoral da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas), e nas economias de cana de açúcar como era a economia do gado. O Catolicismo entrou com o gado, ou melhor: com os vaqueiros que cuidavam do gado, já que o sistema capitalista encontrou na criação de gado motivo suficiente para estar em terras cearenses (SOUZA, 1994, p. 46).

² Merece atenção o trágico martírio do padre Francisco Pinto, devorado pelos indígenas Tapuias em 1608.

Aquiraz foi a primeira capital do Ceará e, até inícios do século XVIII, não havia no Brasil Seminários Episcopais ou Diocesanos³. Os primeiros Colégios jesuítas em terras cearenses são os de Aquiraz (1727-1759) e Viçosa (Séc. XVII). Os jesuítas que permaneceram por 32 anos (1727-1759) fundaram no local, hoje chamado “sítio colégio”, o famoso “Hospício dos Jesuítas”. Hospício significava então “posto de hospedagem”, onde os padres missionários vinham recuperar suas forças para depois prosseguirem com sua missão de catequização nos confins da capitania. A residência apostólica também abrigou o primeiro centro de ensino do Estado e seu primeiro seminário, um dos únicos polos difusores de cultura daquele tempo⁴.

Posteriormente, sente-se a necessidade de instituir seminários em todas as dioceses, segundo as orientações do Concílio de Trento (1545-1563), através do decreto *Cum adulescentium aetas* de 15 de julho de 1563, o qual estabelecia, entre outras determinações, que:

No currículo, haverá uma preparação gradativa: na 1a. etapa, serão instruídos na gramática, nos deveres eclesiásticos, no canto e nos estudos humanísticos e, na 2a. etapa, estudarão a Sagrada Escritura, os livros eclesiásticos, as homílias dos Santos Padres e tudo o mais necessário para o ministério. Todas essas disposições têm, como finalidade, assegurar o papel determinante do bispo na formação de seu clero, estando assim seguro de ter, à disposição, um clero bem formado e disciplinado (MENDES, 2006, p. 112).

O ensino jesuítico, como sabemos, estava baseado no chamado *Ratio Studiorum* ou *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, um sistema de formação educacional e espiritual que agregava a formação dos sacerdotes e religiosos da ordem através do estudo de línguas clássicas (grego e latim) da Filosofia e Teologia católicas, com ênfase em Aristóteles e Tomás de Aquino, de forma anti-modernista. O currículo filosófico do *Ratio Studiorum* se estendia por 3 anos: no primeiro ano estudava-se lógica e introdução às ciências (2 horas por dia), no segundo ano, Cosmologia, Psicologia, Física (2 horas por dia) e Matemática (1 hora por dia), e no terceiro ano, Psicologia, Metafísica e Filosofia moral (2 horas por dia).

Em 1759 acontece a expulsão dos jesuítas de Portugal e do Brasil por iniciativa de Marquês de Pombal (1699-1782) e de sua política absolutista que submetia a Igreja

³ O primeiro Seminário no Brasil, Nossa Senhora da Conceição, foi fundado na Bahia e data de 1747.

⁴ O que restou do estabelecimento são apenas as ruínas da antiga capela de Nossa Senhora do Bom sucesso, construída em 1753.

aos interesses da Coroa Portuguesa. A expulsão dos jesuítas, que monopolizavam o ensino em Portugal e na Colônia, seria um golpe fatal na educação e na formação religiosa em nosso país, uma vez que não houve a devida substituição pelo ensino público estruturado, passando para as mãos de leigos através das chamadas *Aulas régias*. Em 1761, Pombal executa, sob acusação de heresia, o Padre Gabriel Malagrida, que havia percorrido as regiões Norte e Nordeste do Brasil com suas missões populares e criação de igrejas, seminários, etc.⁵.

No início do século XIX acontecem diversas transformações no Brasil decorrentes da vinda da família real portuguesa (1808) no período das guerras napoleônicas na Europa, bem como do acirramento dos conflitos que culminarão na Independência do Brasil (1822) por Dom Pedro I. Se no período colonial predominou o pensamento católico português com representantes de destaque, como Padre Antônio Vieira (1608-1697) e Matias Aires (1705-1763), o período Imperial (1822-1889) será marcado por filósofos como Luís Antônio Verney (1713-1792) e seu *Verdadeiro método de estudar* (1746), que segue a herança dos Iluministas franceses (Voltaire, Diderot, D'Alembert).

Na segunda metade do século XIX, podemos destacar no âmbito acadêmico brasileiro a Faculdade de Direito do Recife, cuja influência será decisiva na consolidação do ensino de Filosofia e na mudança de perspectiva filosófica. Nela destacamos as figuras de Tobias Barreto (1839-1889) e Silvio Romero (1851-1914), os quais debatiam novas correntes filosóficas e científicas em suas aulas, tais como: Espiritualismo, Ecletismo, Positivismo (Augusto Comte, H. Spencer) e Evolucionismo (E. Haeckel). No Ceará, os egressos da Escola do Recife, tais como Rocha Lima (1855-1878)⁶, Farias Brito (1862-1917) e Clovis Beviláqua (1859-1944), foram responsáveis pela valorização e inserção destes debates em nosso meio intelectual.

⁵ O italiano Gabriel Malagrida (1689-1761) chegou ao Brasil em 1721. Foi o maior de todos os missionários da Companhia de Jesus que atuou na Colônia. Foi acusado de heresia ao Tribunal de Inquisição de Lisboa. Na realidade, sua condenação à morte (21/07/1761) deveu-se a motivos políticos através do Marques de Pombal. Entre suas obras apostólicas, destacamos: casas de retiros, seminários, conventos femininos, asilos, igrejas etc.

⁶ Rocha Lima, embora não tenha cursado efetivamente o curso de Direito no Recife, chegou a receber influência desta faculdade, além de cerrar fileiras do lado do pensamento liberal, maçônico e positivista e promover o debate com o tradicionalismo católico no jornal maçônico *A Fraternidade*. Foi o fundador da chamada Academia Francesa e criador da Escola Popular. Sobre Rocha Lima conferir (DA SILVA, 2023).

Neste momento de grandes transformações históricas no Brasil são criados os Seminários mais importantes de nosso Estado, entre eles o Seminário Episcopal ou Seminário da Prainha em Fortaleza (fundado em 1864), cujo curso de Teologia incluía o estudo de Filosofia, tendo à frente como reitor o Padre Auguste Chevalier, o Seminário do Crato no Cariri (fundado em 1875), suplementar ao Seminário de Fortaleza, cujo reitor foi o Padre Lorenzo Vicenzo Enrile⁷, e o Seminário Diocesano de Sobral (fundado em 1925), por iniciativa de Dom José Tupinambá da Frota, a partir do qual surge, em 1961, a Faculdade de Filosofia Dom José⁸.

2 Os estudos de Filosofia no Seminário da Prainha

Em 1854, o Papa Pio IX cria a Diocese do Ceará por meio da bula *Pro Animarum Salute*, a separando da Diocese de Olinda. Assim, no dia 10 de outubro de 1864, o Seminário da Prainha foi fundado como Seminário Episcopal do Ceará por Dom Luís Antônio dos Santos (1817-1891), o primeiro bispo do Ceará⁹, o qual tinha consciência dos desafios que se impunham diante do avanço da laicização e do crescimento do Protestantismo.

O Seminário ficou sob a responsabilidade dos padres lazaristas¹⁰ (ou vicentinos) no período de 1864 a 1963. O próprio Dom Luís havia escolhido os lazaristas por conhecer seu carisma, sua pedagogia e seus métodos, uma vez que sua formação se deu no Seminário do Caraça, em Minas Gerais, polo de irradiação dos lazaristas. Desta forma são descritas as condições da instalação do Seminário:

⁷ Sobre a fundação do Seminário do Crato ver Pinheiro (2009), onde se lê na página 165: “Em Dezembro de 1874, treze anos depois de seu apêlo aos cratenses, ao qual aludimos há pouco, chegou novamente ao Crato D. Luiz a fim de apressar alí as obras do Seminário de São José, iniciadas por sua ordem em Agosto daquele ano”.

⁸ Sobre o Seminário de Sobral conferir Silveira (2011).

⁹ A Diocese nasce em meio a grandes desafios: “O primeiro bispo tinha diante de si a difícil tarefa de construir a instituição eclesial do Ceará dos alicerces: não havia um seminário, ele não contava com o apoio de qualquer ordem religiosa, tinha em suas mãos um clero pequeno, pouco instruído e que não primava pela ortodoxia, principalmente no tocante à moral e mesmo as irmandades religiosas, que existiam aos montes nas outras dioceses onde chegavam mesmo a ser um problema, só teriam seu momento de apogeu alguns anos depois de instalada a diocese. Somente depois de conseguir montar uma estrutura mínima de governo, é que ele poderia começar a pensar em moldar as diferentes manifestações religiosas existentes na região nos contornos do catolicismo romanizado” (REIS, 2004, p. 28).

¹⁰ Congregação da Missão (Congregatio Missionis, CM), Lazaristas ou ainda Padres e Irmãos Vicentinos, é uma sociedade de vida apostólica masculina católica fundada em Paris, no dia 17 de abril de 1625, por São Vicente de Paulo (1581-1660). Os lazaristas ocuparam no âmbito da Educação o lugar deixado pelos jesuítas após sua expulsão em 1749.

Em 1864, ano da criação do seminário, Fortaleza tinha pouco menos que 20 mil habitantes, que viviam espremidos no quadrilátero formado pelas atuais avenidas Duque de Caxias, do Imperador e D. Manuel e a praia. O seminário ficava em uma localização privilegiada e bem ao gosto dos sanitaristas que cuidavam de higienizar as capitais do Brasil a exemplo do que acontecia na Europa e nos EUA: no barlavento da cidade, no alto de uma falésia e olhando para o mar da praia do peixe. Longe de cemitérios, matadouros, do burburinho e da sujeira da cidade (REIS, 2014, p. 35).

O Seminário foi, por sua própria índole, um importante centro de formação do clero no chamado processo de “romanização”¹¹ da Igreja Católica no Brasil. Esse processo implicava uma retomada da centralidade romana na hegemonia do poder sagrado e na condução da evangelização em terras brasileiras, que sofria profundos reveses com o crescimento das ideias liberais (Positivismo), o catolicismo popular (como o caso de Padre Cícero Romão e o milagre eucarístico em Juazeiro do Norte)¹², bem como do avanço do Protestantismo que, embora tenha arrefecido com a expulsão dos holandeses, retomava fôlego no Nordeste no final do século¹³.

A cidade de Fortaleza, em fins do século XIX, embora almejasse se tornar uma capital nos moldes modernos como Paris (a cidade modelo dos nossos intelectuais e burgueses), ainda estava numa condição incipiente por ser uma cidade ainda sem infraestrutura, em vias de desenvolvimento e com diversas limitações, especialmente do ponto de vista educacional, como podemos ler ainda no mesmo artigo anteriormente citado.

A Fortaleza de então contava somente com 04 escolas secundárias para rapazes: O Liceu do Ceará, o Ateneu Cearense, o Panteon Cearense e o Colégio Cearense (do Pe. Luiz Perdigão). Para moças havia o Colégio da Imaculada Conceição (irmão caçula do seminário e que ainda merece

¹¹ Esse processo de romanização foi uma reação à crise da influência católica no mundo moderno, através de uma definição mais rígida da doutrina e da disciplina que foi denominada *ultramontanismo*, o qual atingiria seu ápice com o Concílio Vaticano I (1868-1870), convocado pelo Papa Pio IX (1792-1878). O Concílio, além de proclamar o dogma da Infalibilidade Papal, principalmente para combater o Galicanismo, e defender os fundamentos da fé católica, condenou o Racionalismo, o Materialismo e o Ateísmo.

¹² O Milagre de Juazeiro é um ponto crucial neste momento: “É justamente neste ponto que Juazeiro embaralha tudo. Diferente do que acontece em Canudos, onde o leigo Antônio Conselheiro é o pivô de todo o problema, em Juazeiro, é um padre formado nas primeiras turmas do seminário romanizado e tido, até então, como um dos mais exemplares membros do clero renovado, que ocupará o lugar de destaque. Será ele quem desafiará, em nome de sua consciência, a disciplina e a hierarquia, quebrando assim os dois fios principais de toda a trama. Um outro dado importante e que não é considerado o bastante é que tudo começou, não em uma reunião de alguma irmandade rebelde ou alguma confraria de beatos pouco ortodoxa, mas sim em uma reunião do Apostolado da Oração que, como bem frisou o pe. Cícero em carta a D. Joaquim, acontecia ‘conforme o regulamento’” (REIS, 2004, p. 33).

¹³ A primeira comunidade protestante se consolidava em 1881, pouco depois da criação da Diocese (1860).

igualmente ser estudado), e o Colégio Cearense (da profa. Carolina de Aragão) (REIS, 2014, p. 35).

Apesar destas limitações, o Seminário da Prainha cumpre um papel de relevância nesse momento, principalmente diante da ampliação da diversidade intelectual que se consolida cada vez mais no país e, conseqüentemente, no Ceará. Neste sentido, o Seminário ocupará, assim, um lugar central na paisagem educacional e intelectual cearense entre fins do século XIX e início do século XX.

Em uma sociedade que se tornava cada vez mais plural, o seminário formava parte importante dos intelectuais que disputavam a atenção do povo cearense nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Ao lado de maçons e positivistas, espíritas e protestantes, que usavam com maestria os jornais e organizavam conferências para a população, se perfilavam gerações e gerações de padres e leigos católicos formados no seminário ou segundo o seu espírito (REIS, 2014, p. 36).

O ambiente intelectual deste período, além dos católicos, inclui, como citado acima, os grupos maçônicos, positivistas, espíritas e protestantes, envolvidos não apenas no debate filosófico, mas, antes de tudo, político, em função das transformações socioculturais que impulsionavam o debate nacional, tais como a questão religiosa (a cisão entre Igreja Católica e Maçonaria), o movimento abolicionista, o republicanismo, em meio a conflitos (Guerra do Paraguai, 1864-1870) e movimentos sociais (Canudos, 1896-1897).

Diante destes desafios intelectuais e educacionais, os lazaristas (em seu projeto romanizante) privilegiaram uma base de estudos sólida que permitisse a formação de sacerdotes capazes de enfrentar tais desafios do seu momento histórico em acordo com os preceitos de Roma. Assim, assumiu como primeiro reitor do Seminário o padre francês Pierre Auguste Chevalier (1831-1901)¹⁴, o qual ficou por 27 anos à frente desta instituição e se baseou no *Diretório dos Seminários*, livro de normas e disciplina adotado pelos padres da missão (LIMA, 2020, p. 64).

¹⁴ “O Pe. Pierre Auguste Chevalier nasceu em Saint-Riquier, na França e se tornou Lazarista na Casa Mãe dos Lazaristas em Paris. Veio ao Brasil como missionário para instruir os jovens no Seminário da Bahia com seu colega Pe. Lorenzo Enrile. Segundo suas cartas ao Superior, não parece ter gostado muito do Seminário baiano, por conta do contato dos alunos com ideias liberais e a competição interna entre os professores. Foi convocado para dirigir o Seminário Episcopal do Ceará em 1864, o que muito o alegrou. Ele relatou ao seu superior que ali era o lugar propício para atuação da ordem lazarista” (CORDEIRO, 2015, p. 982).

No que diz respeito à biblioteca e a escolha dos livros escolhidos para compô-la, a primeira referência se dá em 1865 no livro de *Receitas e despesas do Seminário Episcopal* (1864-1886), como registro de compra de estantes e livros. Os livros eram comprados em Fortaleza na livraria de Joaquim José de Oliveira (desde 1857), bem como vinham de Pernambuco¹⁵ e da Europa (Portugal e França). Em relação às obras adquiridas, a maioria é de cunho religioso, ou seja, filosofia católica, catecismos, direito canônico, liturgia, história eclesiástica, dentre as quais podem ser citadas as seguintes:

A filosofia Escolástica, de Kleutgen (1843); História de Santo Inácio de Loyola, por Daurignae (1865); História Universal da Igreja Católica, pelo Abade Rohrbacher (1857); Dicionário da conversação e da leitura, por W. Dukett (1853), todas em francês. Também há a Teologia Dogmática, de Taurinoux (1871), e Teologia Moral, de Ligorio (1866), ambas em latim e Primeira Enciclopédia Teológica, de Migne (1863, 29 volumes) (LIMA, 2020, p. 67).

Vale ressaltar que a maioria das obras usadas e os livros indicados para leitura aos alunos eram escritas por autores católicos ou membros da Igreja, evitando, assim, a influência dos modismos liberais e modernistas do fim do século.

Além das obras de cunho histórico e religioso citadas, há aquelas relacionadas às disciplinas do curso preparatório do Seminário, como por exemplo:

História Universal, de Muller (1846), História do Brasil, de Southey (Traduzido do inglês por Joaquim de Oliveira e Castro – 1862. 6 volumes); Obras de Bossuet (1851, 4 volumes), Filosofia Fundamental, de Balmes (1868); Curso Elementar de Literatura Nacional, do Cônego Doutor Joaquim Caetano (1862); História Universal, de Cesar Cantu (1867), As origens da França Contemporânea, por H. Taine (1887) e a História da Conjuração Mineira. Estudos sobre as primeiras tentativas para a independência nacional, de J. Norberto de Souza Silva (1873) (LIMA, 2020, p. 67-68).

Entre os livros elencados, destacamos aqui a obra *Filosofia Fundamental* (1846, 1ª edição) de Jaime Balmes (1910-1848), um sacerdote, filósofo e teólogo espanhol, familiarizado com São Tomás de Aquino, cuja abordagem apologética é um

¹⁵ Vale lembrar que a referência a Pernambuco nos remete à centralidade desta do ponto de vista político, histórico e cultural, além de sua tradição revolucionária, em especial refletida nas ideias presentes na Faculdade de Direito por meio de Professores como Tobias Barreto. Entre os livros de autores franceses mais apreciados podemos citar Rousseau, Montesquieu e Benjamin Constant.

dos pontos de interesse para o projeto do Seminário. Vale lembrar ainda que Balmes foi denominado por Pio XII como “príncipe da moderna Apologética”.

Sobre os manuais de estudo do curso Superior de Filosofia nos anos seguintes (já no século XX), nos esclarece ainda Kelly: “O Compêndio usado em Filosofia era de um autor francês. Mais tarde, entretanto, foram usados os livros dos seguintes autores: Reinslader, Carolus Boyer, Gredi, Sinibaldi, Jolivet” (SÁ, 1972, p.100). Entre estes manuais, um dos mais usados nos Seminários Católicos é o *Curso de Filosofia* (1937) de Regis Jolivet (1891-1966), sacerdote e filósofo da corrente neotomista, decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Lyon, o qual permanecerá como uma referência para os anos seguintes.

Por fim, sobre o currículo de estudos, Pe. Augustine Kelly nos informa no artigo “Filosofia no curso Superior do Ceará” do livro *Ensino de Filosofia no Ceará* (SÁ, 1972), que desde a fundação do Seminário Episcopal do Ceará (1864), a Filosofia fazia parte do curso de preparatórios. No *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza* (1864-1935), estão apresentadas as disciplinas cursadas, seus respectivos professores e livros utilizados. Assim, sabemos que os alunos do Seminário tinham aulas de Gramática Portuguesa, Francesa e Latina, Aritmética, Latim, Geografia, História (a partir da Idade Média), Retórica, Prosódia, Física e Filosofia, além das disciplinas próprias do curso eclesiástico.

A partir de 1913, a disciplina de Filosofia entrou no programa do curso superior.

Nos documentos dos arquivos do Seminário lemos o seguinte: O Reitor, com a devida autorização do Exmo. Sr. Bispo Dom Manoel da Silva Gomes, introduziu mais um ano no curso de Filosofia, passando para esta divisão os dois anos de Filosofia [...] 1º ano: Filosofia, História Eclesiástica, Teologia Fundamental, Dogma. 2º ano: Filosofia, História Eclesiástica, Teologia Fundamental e Moral (SÁ, 1972, p. 100).

Em meio a pluralidade de ideias e instituições na grande ágora surgida no final do século XIX, os seminários cearenses possibilitaram uma formação básica em Filosofia, concentrada numa perspectiva católica, contemplando a pesquisa, divulgação e ensino em nosso Estado.

Neste sentido, o Seminário Episcopal do Ceará será o ponto de partida para a criação da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (criada em 1947), que funcionou no Colégio Cearense. Assim, em 1966, o Governo do Estado encampou a referida Faculdade sob a denominação de Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE) que foi

reconhecida conforme parecer N° 227/71 (homologado pelo Ministério da Educação, em 10 de fevereiro de 1972).

Considerações Finais

Ao enfatizar o papel da Igreja Católica na formação educacional, em geral, e cearense, em particular, podemos perceber como o Seminário da Prainha cumpriu seu papel de divulgação e institucionalização da Filosofia na Terra da Luz. Nesse sentido, nossa pesquisa buscou apresentar em linhas gerais esse papel dos seminários católicos surgidos no final do século XIX e início do século XX, mostrando o lugar central do Seminário Episcopal do Ceará, ou Seminário da Prainha, como lugar de excelência no campo filosófico.

Como dito acima, o Seminário Episcopal do Ceará dá origem a Faculdade Católica de Filosofia que, por sua vez, será assumida pelo Estado como Faculdade de Filosofia do Ceará (FACICE). Em 1975, foi criada a Universidade Estadual do Ceará (UECE), que integrou a FAFICE como Curso de Filosofia, com o seu respectivo Departamento. Enfim, no ano de 1984, a UECE acolheu os alunos da Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR), oriunda da Arquidiocese de Fortaleza, formando o curso de Licenciatura Plena em Filosofia no Centro de Humanidades.

Esperamos ter contribuído para ampliar o conhecimento desse processo de inserção e consolidação da Filosofia entre nós, trazendo um pouco do histórico do Seminário da Prainha, seu legado e sua importância ímpar na cena filosófica cearense.

Referências

AZZI, R. **O altar unido ao trono: um projeto conservador**. São Paulo: Paulinas, 1992.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CARDOSO, D; ZENI, T. Decreto de Reforma dos Estudos Eclesiásticos de Filosofia. **Pensar Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2012, p. 113-132.

CORDEIRO, P. Ecce ego, mitte me: os lazaristas franceses e o projeto ultramontano no Ceará (1864-1891). *In: Anais do XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR)*, Juiz de Fora, 2015.

DA SILVA, F. J. Rocha Lima, a Academia Francesa e o Positivismo no Ceará. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 16, n. 1, 2023, p. 109-123.

FRANCA, S. J, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. O Ratio Studiorum. São Paulo: Editora Kírion, 2019.

LARA, T. A. **Caminhos da Razão no Ocidente**, a filosofia ocidental do Renascimento aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIMA, R. G. Biblioteca do Seminário da Prainha: um olhar sobre o livro e a leitura no Ceará provincial (1864-1889). **Embornal – Revista da Associação Nacional de História - CE**, Fortaleza, v. 11, n. 22, jul./dez. 2020, p. 61-69.

MARINHO, C.; SOUSA, A. **História do ensino de Filosofia no Ceará**. São Paulo: Intermeios, 2024.

MENDES, F. R. da S. Seminários Católicos no Brasil: uma breve síntese histórica (1747-1935). **Razão e Fé**, Pelotas, v. 8, n. 2, jul./dez. 2006, p. 109-114.

PINHEIRO, I. **O Cariri, seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcantara, 2009.

REIS, E. C. Seminário da Prainha (1864 - 1964). **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha**. Fortaleza, v. 11, p. 34–36, 2014.

REIS, E. C. Diocese do Ceará como vitrine da romanização (1853 - 1912). **Kairós Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, v. 1, n. 1-2, 2004, p. 18–37.

SÁ, A. (Coord.). **O Ensino de Filosofia no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1972.

SOUZA, S. de (Coord). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SILVEIRA, J. E. **Síntese cronológica da UVA - Universidade Estadual do Vale do Acaraú, 1915-2010**. Tomo I – Proto-história. Sobral: Ed. Univ., 2011.

WOODS JR., T. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

Recebido: 02/09/2024

Aprovado: 17/10/2024